

A necessidade e os paradoxos da linguística integral¹

The need and paradoxes of integral linguistics

Ana Agud (Autora)*
anaagud@usal.es
Universidade de Salamanca

Clemilton Lopes Pinheiro (Tradutor)**
clemiltonpinheiro@hotmail.com
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Mateus Parducci (Tradutor)***
matt.sp2000@hotmail.com
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

“Prezada Sra. Agud:
Para contar os dedos de uma mão a
senhora não precisa começar com a
teoria dos números[.]”
(de Coseriu para mim, há mais ou
menos 45 anos)

RESUMO: A ideia de uma “linguística integral” de Coseriu precisa de uma reflexão profunda, pois engloba dois objetivos diferentes e parcialmente incompatíveis: neutralizar a extrema fragmentação da pesquisa linguística moderna através da reflexão filosófica sobre a verdadeira natureza da “linguagem”, e propor uma maneira coerente de abordar a pesquisa linguística sem a fragmentação causada pela diversidade dos objetos constituídos pelos linguistas e pelas escolas linguísticas.

¹ Artigo originalmente publicado em inglês na revista CONCORDIA DISCORS vs DISCORDIA CONCORDS: Researches into Comparative Literature, Contrastive Linguistics, Cross-Cultural and Translation Strategies, v. 15, 2021, p. 25-50 sob o título “The Need And Paradoxes of Integral Linguistics”. A permissão para a tradução para o português foi dada pela autora, por *carta*, em 03 de junho de 2022. O texto está disponível em:
<https://www.dropbox.com/s/e235slfz1sl1ud4/CDDC%2015%20FINALissim%20v3.pdf?dl=0>.

* Doutora em Filologia Clássica e Professora de Linguística Indo-europeia na Universidade de Salamanca.

** Doutor em Letras, área de Filologia e Linguística Portuguesa. Professor de Linguística no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem e do Departamento de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

*** Mestrando em Estudos da Linguagem na área de Estudos em Linguística Teórica e Descritiva, na linha de pesquisa de Estudos Linguísticos do Texto, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e licenciado, com láurea acadêmica, em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas, também, pela UFRN. Tem como interesse de pesquisa temas relacionados aos estudos linguísticos do texto, à epistemologia dos estudos linguísticos e à escrita acadêmica.

Nenhuma nova teoria positiva do conjunto da linguagem poderia superar essa desintegração. Os esforços de Coseriu para ampliar o escopo para incluir os fatos linguísticos devem ser submetidos a uma radical reflexão cética sobre a possibilidade desta teoria positiva geral, baseada no fato de que o “falar concreto” não é o mero uso de um sistema virtual, mas uma criação contínua de sentido por indivíduos, e no fato de que a linguística em si é este “falar concreto”: individual, histórica, difusa. Coseriu não apresentou nenhuma teoria geral da linguagem, mas foi o exemplo vivo de uma personalidade individual rica e abrangente, que abordou a linguagem a partir de uma atitude crítica em relação às categorias e aos métodos herdados.

PALAVRAS-CHAVE: Desintegração, Historicidade, Individualidade, Integração, Objetos da Linguística, Problemas da Linguística.

ABSTRACT: Coseriu’s idea of an “integral linguistics” needs a thorough reflection because it embraces two different and partly incompatible aims: to counteract the extreme fragmentation of modern linguistic research through philosophical reflection on the true nature of “language”, and to work out some coherent way of approaching linguistic research which avoids its being torn apart by the diversity of the objects constituted by linguists and linguistic schools. No new positive theory of the whole of language might overcome this disintegration. Coseriu’s efforts to enlarge the scope to include linguistic facts have to be submitted to a radical skeptical reflection on the possibility of such an overall positive theory, based on the real fact that factual speech is not the mere use of any virtual system, but an ongoing creation of sense by individuals, and also that linguistics is itself such “factual speech”: individual, historical, diffuse. Coseriu did not deliver any general theory of language, but the living example of a rich and widely comprehensive individual personality, approaching language from a critical attitude to inherited categories and methods.

KEYWORDS: Integration vs. Disintegration, linguistic criticism, individuality and historicity, individual constitution of linguistic problems and objects.

1. A linguagem é um problema?

A linguagem é um problema para ser resolvido pela pesquisa científica? A Linguística é a ciência cuja tarefa é “resolver” o “problema da linguagem”? Os problemas só existem quando os indivíduos ou grupos de indivíduos *sentem*, em um determinado momento, que as coisas não estão como deveriam ser, ou quando não entendem algo que gostariam de entender, e identificam, através dos termos habituais (sejam eles coloquiais ou já científicos), o domínio da realidade que supõem estar na origem da disfuncionalidade identificada. O problema e a abordagem para a solução são *categorizados* como tal de início dentro do quadro de uma certa *tradição* linguística nacional ou profissional. As ciências surgem a fim de resolver problemas, previamente (pré-cientificamente) identificados como origem de um mal

funcionamento, seja prático ou intelectual. Elas normalmente começam a *descrever* fragmentos da realidade problemática, *de acordo com sua categorização prévia*, e tentam reconstituí-los em busca das “causas”. A crença mais comum é acreditar que os problemas são resolvidos se a ciência identifica suas causas, as torna manipuláveis, e conduzem aos estados de normalidade das coisas.

Alguma coisa se torna um problema quando os *sujeitos* a percebem como tal. E, em alguns domínios, o que é um problema para alguns é apenas a solução para outros. Uma questão muito atual é, por exemplo, saber se, nas sociedades modernas, o Estado é o problema ou a solução. Por ocasião de uma palestra que proferi na Universidade de Constança (Alemanha), me perguntaram como “resolveria o problema” da construção latina acusativo/infinitivo. Eu respondi que não havia nenhum problema com essa construção. Muitas apreciações subjetivas, sentimentos, preconceitos e decisões, assim como muitas tradições culturais, contribuem para *constituir algo como um problema* a ser resolvido, e para fundar uma ciência para isso. Nada é um problema “em si mesmo”, muito menos um problema científico. A história é cheia de casos em que problemas e soluções foram inventados culturalmente ou mesmo a partir de pré-julgamentos científicos, sem qualquer base empírica verdadeira.

A Linguística é, ou pode ser, a ciência que resolve através do método científico quaisquer que sejam os problemas que a linguagem supostamente causa? Que tipo de problema, se há algum, a “linguagem” seria ou causaria?

E finalmente: qual deve ser o problema para o qual a “linguística integral” seria a solução? Ela tem que resolver o problema representado por sua oposição, a atual desintegração da linguística?

Nenhuma dessas questões pode ser encarada de forma simples. Cada termo envolvido nelas é o resultado de uma longa história, nem sempre consciente, e o linguista crítico não pode confiar nos termos como se fossem os nomes de coisas realmente existentes. O conjunto da linguística teórica e empírica consiste em *narrativas* construídas com termos que nos sentimos no direito de usar como usamos, porque pertencem a uma tradição na qual são utilizados mais ou menos da mesma forma. Apesar de um aparente consenso sobre esses termos, eles continuam sendo “nossas palavras”, e têm seus sentidos atribuídos, em cada caso, no contexto dentro do qual cada um de nós os emprega. Frequentemente, os mesmos termos não são entendidos da mesma maneira.

“Linguagem” é um desses termos. “Linguística” é outro. Não podemos considerar como certo que existem problemas *linguísticos objetivos* e *meios científicos* confiáveis para resolvê-los. A linguística moderna, em suas muitas vertentes, é o resultado de uma longa história de indivíduos, formados dentro de diversas tradições de discursos acadêmicos, e que enfrentaram problemas presumidos com a ajuda de termos, que, supostamente, refletem a realidade da língua. Trata-se de tradições de *constituição de “problemas linguísticos” dentro de heranças ideológicas*.

De fato, apenas algumas poucas culturas na história do mundo *sentiram* a linguagem como um problema ou como um conjunto ou fonte de problemas e desenvolveram estratégias mais ou menos científicas para “resolvê-los”. A “solução gramatical” (o hábito de descrever línguas nacionais por meio de gramáticas) só foi inventada pelos indo-iranianos e pelos gregos, e mais tarde continuada pelos árabes e por outros povos.

Outras culturas não se preocuparam em escrever gramáticas, mas algumas fizeram listas de vocábulos ou glossários, que é uma solução a outro tipo de problema linguístico. Na tradição indiana, a linguagem foi alvo de intensa reflexão, em diversos contextos culturais, mas principalmente como parte de sistemas religiosos e filosóficos. Isso resultou em diversas formas de encarar teoricamente sua natureza e sua função, as quais vão da gramática extremamente formalista de Pāṇini e seus seguidores para o tratado altamente especulativo de Bhartṛhari (o *Vākyapadīya*). Além das disciplinas acadêmicas ocidentais ligadas às línguas, muitas pessoas em diferentes culturas, assim como na nossa, refletiram sobre sua fala e desenvolveram diversos *insights* sobre o que chamamos de “linguagem”, sem se comprometerem a levar em conta a gramática ou a linguística. A preocupação pessoal com a “linguagem” não leva necessariamente ninguém a algum tipo de linguística.

Desde Kant, aprendemos, ou deveríamos ter aprendido, que *nenhuma abordagem teórica por nada pode ser legitimada por comparação com a “própria realidade”*. A Linguística tampouco. Toda abordagem sistemática para resolver problemas de compreensão da realidade só pode ser justificada por uma *motivação pré-científica e pragmática* do *objetivo* específico, que determina tanto a identificação de algo como um problema como a seleção do método para resolvê-lo, seja ele científico ou não.

Nós ocidentais herdamos o hábito de acreditar na existência real de algo “chamado linguagem” e de transformar esse suposto “algo” em um objeto de

abordagem cognitiva com base na gramática ou na sua ampliação em diversos tipos de linguística. Nossa maneira usual de imaginar a *linguagem como um objeto* ainda é fortemente influenciada pela ideologia gramatical.

Além desta atitude herdada, houve na história várias tentativas de focalizar a fala de forma diferente, que implicou *questionar o domínio da ideologia gramatical* e suas muitas pressuposições e implicações. Talvez a maior e mais ampla revisão mais sistemática e céptica é a de Mauthners (1903): *Beiträge zu einer Kritik der Sprache* (Contribuições a uma crítica da linguagem).

A ideologia gramatical considera que falar é apenas “usar” um código previamente existente composto por peças únicas (palavras) e regras de combinação dessas peças em frases completas. Também considera que esse aspecto da fala é, em certo sentido, sua verdadeira essência, e que outros elementos ou momentos da fala são “acidentais”. O caráter altamente sistemático do componente gramatical da fala também sugere que “linguagem”, esse *nome* que *resume* o fato de falar *sub specie substantiae*, é algum tipo de sistema *com características e fronteiras próprias*, e que pode ser definido com a identificação destas fronteiras e dos domínios dos quais elas o separam. Na tradição gramatical, suponha-se que a linguagem regulava de várias maneiras o pensamento ou as ideias, com a anatomia e a fisiologia articulatória, com a acústica de sons, com a individualidade dos sujeitos falantes e suas circunstâncias pessoais e sociais etc. Pesquisas específicas têm sido propostas para cada um desses domínios relacionados, e ocasionalmente partes deles foram mais ou menos incorporados à própria noção de linguagem. O que é linguagem em cada caso depende, portanto, da posição onde se localizam as fronteiras de conceitos relacionados. Não há uma “linguagem em si”.

Estabelecer fronteiras para o conceito de linguagem depende em cada caso do tipo de problema que se percebe em ou com a linguagem e do tipo de solução que se tem em mente. A história da Linguística é a história da forma *como* gerações sucessivas de gramáticos têm visto os tipos de problemas e como eles reagiram com um trabalho gramatical restrito ou ampliado. Esta história cunhou em cada caso os significados dos termos da linguística, que são ou se tornam conhecidos, mas nem sempre é o caso.

2. O pluralismo linguístico

No curso da história cultural do ocidente, a primeira abordagem gramatical já era pluralista. Aristóteles fez a primeira classificação puramente linguística das partes do grego, no âmbito do seu tratamento global e sistemático da tragédia e seus componentes. Ele recuperou uma tradição mais antiga, documentada em Platão e nos sofistas, na qual se oponham nomes (*onómata*) ao que é dito sobre eles (*rhémata*), e completou essa dicotomia em um primeiro sistema de cinco elementos. Até então o interesse em refletir sobre a linguagem já tinha pelo menos *duas origens e objetivos diferentes*: a educação retórica dos cidadãos para a atividade pública, política e judicial, que foi eminentemente um objetivo *prático*, e o objetivo enciclopédico de fazer uma taxonomia das coisas observáveis, o que era eminentemente *teórico*. Pouco depois, uma terceira necessidade deu um novo impulso à gramática: a atividade *filológica* em torno da edição da literatura clássica.

Apesar desses diferentes objetivos e interesses, os gramáticos em sua maioria convergiram em sua terminologia e método, e daí surgiu uma tradição que logo passou para Roma e foi retomada pelos gramáticos romanos. Os termos da gramática se desconectaram, em grande parte, de suas origens metafóricas e já eram vistos como terminologia científica. As palavras dos linguistas foram finalmente vistas como os nomes corretos de coisas realmente existentes, e *sermo* (a fala) foi pressuposto como uma verdade bem determinada da *realidade* humana.

Embora Coseriu tenha afirmado repetidamente que todos nós sabemos *o que é a linguagem*, de fato, nós apenas *supomos* saber, assim como, quando falamos, pronunciamos palavras ou termos, pressupomos que sabemos do que estamos falando. Nem sempre temos a confirmação. E, certamente, não existe *uma coisa real* cuja designação correta é “linguagem”.

Essa nomeação romântica bastante tardia da *sensação de conhecer* a verdade ou a essência natural do nosso falar tem iludido quase todos os teóricos tanto da gramática como da “filosofia da linguagem”. Alguns poucos pensadores céticos apontaram para essa ilusão, mas eles nunca se tornaram realmente influentes.

Uma vez que a realidade ontológica de algo chamado de “linguagem” se tornou um pressuposto comum, o(a)s cientistas começaram a expandir suas perspectivas sobre o assunto e descobriram (falando propriamente: constituíram) novos elementos, componentes e momentos linguísticos, que passo a passo deram origem aos vários novos ramos da suposta ciência da linguagem. Mesmo a gramática, no sentido estrito da palavra, foi revisitada por novos ângulos, e novas formas diferentes de fazer

gramática apareceram no mercado acadêmico. No momento, a preocupação acadêmica com a “linguagem” está dividida em um amplo pluralismo de abordagens teóricas, métodos de pesquisa, modelos descritivos, referenciais explicativos e verdadeiros novos objetos de pesquisa. A Linguística parece ter se *desintegrado*.

Embora isso devesse ter abalado a confiança original sobre a realidade de um objeto comum, claro para todos os tipos de abordagem, a crença em uma coisa real chamada “linguagem” não colapsou. Simplesmente ficou fora de foco. O pluralismo linguístico parece ter acabado com *o interesse humanista de entender a verdadeira natureza do falar e seu papel para a humanidade*. As diversas “ciências” da linguagem dificilmente se comunicam umas com as outras, e o trabalho dos linguistas se baseia em grande parte na fé no que está estabelecido ou em tradições recém surgidas, e na crença na realidade ontológica dos sentidos de seus termos.

3. A abordagem crítica de Coseriu

A confiança ingênua na existência objetiva da “linguagem” e de “problemas linguísticos” consolidou o pressuposto de que realmente conhecemos a linguagem em si e de que nossos conceitos linguísticos são meros nomes de partes reais do falar. Há nisso pelo menos dois tipos diferentes de ilusão.

A primeira é o desconhecimento do fato de que todos os termos, incluindo os dos linguistas, são partes do comportamento de um organismo altamente complexo. Esse comportamento se desenvolveu de forma diversa na vida comunitária, foi aprendido por cada indivíduo como parte de sua socialização, e, entre outras coisas, formou o que nós chamamos de “história”. Não se trata apenas do desenvolvimento factual dos eventos no tempo, mas, acima de tudo, do que chamamos de “consciência” do nosso próprio desenvolvimento, tanto filogenético como ontogenético. Nós seres humanos experimentamos nossa vida no tempo como um movimento individual de um estado pessoal para o outro, e estamos cientes de nossa capacidade de orientar esse fluxo de acordo com as próprias ideias, representações, objetivos e interesses. *A espécie falante que somos constrói sua própria perspectiva de vida através de seus padrões herdados de comportamento verbal e através das modulações individuais desses padrões*. Nossos objetos são o resultado de processos complexos, apenas parcialmente conscientes, da categorização da realidade. *Eles são nossos produtos* (essa verdade incontestável foi desacredita por chamar de “idealismo”, tornando-se

assim algum tipo de insulto). Sua percepção é guiada em cada caso pela modulação individual de padrões de fala herdados e aprendidos, desencadeados por emoções e interesses, em grande parte inconscientes. Embora estejamos acostumados a falar e a nos comunicar *como se* nossas designações compartilhadas correspondessem a “conceitos” também compartilhados, cada indivíduo fala sua própria língua e conhece ou habita sua própria realidade. Suas palavras são os nomes herdados das convenções sociais. E, é claro, isso também se aplica ao nosso vocabulário e conceitos linguísticos.

A segunda ilusão diz respeito ao trabalho mais concreto de gramáticos e linguistas, e à *confusão muito comum entre o objeto linguístico e nossos métodos de abordagem* na vida acadêmica. Ainda que produzidos por nós, os objetos linguísticos adquirem algum tipo de consistência supraindividual por causa da história compartilhada de sua constituição e da sua fixação escrita. Isso nos permite fazer mais ou menos a diferença entre eles e nossos métodos reais de pesquisa. Quando, por exemplo, Chomsky apresentou sua primeira versão da Gramática Gerativa, ele usou amplamente os mesmos termos da gramática tradicional, mas imputou a seus próprios termos, como *estrutural profunda e superficial*, a mesma consistência ontológica amputada a *substantivo* ou *verbo*. Quase ninguém se oporia a esses termos, mas a maioria dos não-gerativistas reagiu àqueles como pura invenção sem base empírica.

Coseriu apareceu no estruturalismo europeu nos anos 1950 com uma discussão séria sobre muitas ideias sobre linguagem que haviam se tornado comuns. Ele as criticou, retrazendo-as como *preconceitos metafísicos* antes não percebidos. De forma particular, ele contestou a busca das “causas” da mudança linguística, mostrando que essa busca se baseava na presunção ingênua de que as mudanças são efeitos de certas causas. Em oposição a isso, ele defendeu que a linguagem é uma atividade livre, guiada por objetivos e necessidades expressivas, não por causas.

Mais tarde, Coseriu criticou muitas outras confusões com objetos e métodos, assim como as diversas perspectivas e os diferentes níveis de conceituação dos objetos. Essas confusões o levaram a propor novas *distinções* no que diz respeito ao objeto linguístico. Ele começou com a distinção entre sistema, norma e fala. Ao entender que nossos objetos são o resultado de nossas perspectivas sobre eles, Coseriu propôs *diferentes linguísticas para diferentes objetos*: a linguística do sistema não pode ser o mesmo tipo de ciência que a linguística da norma ou da fala. Assim,

pareceu que ele estava contribuindo para a desintegração da linguística em diferentes disciplinas. No entanto, na sua opinião, *a linguagem continua, de qualquer forma, a ser vista como algo real e unitário. As distinções constituem o nosso trabalho. A linguagem em si é um processo complexo, mas unitário, cujos muitos aspectos devem ser considerados de forma distinta.*

Finalmente, Coseriu considerou a então desintegração da linguística em muitas ciências não relacionadas como um problema relevante, e tentou resolvê-lo por meio de um *projeto teórico de reintegração de todas essas ciências em uma perspectiva geral*. Ele chamou essa perspectiva de “linguística integral”, e, algumas vezes, interpretou sua própria produção linguística como passos dessa linguística.

4. A necessidade do integralismo linguístico

Como Göran Sonesson tem apontado em diferentes publicações, a Linguística pode ser integrada de duas maneiras diferentes. A primeira é incluí-la como parte de disciplinas mais amplas como a Semiótica, Antropologia, Sociologia, Comunicação e Ciências da Informação entre outras. A outra é unir as diversas ciências parciais sobre objetos linguísticos em uma só. Claramente, a alternativa de Coseriu pertence a essa última.

Contrapor-se à desintegração da linguística visa *recuperar uma apreensão mais ampla e complexa do “objeto linguístico”*, que ultrapasse os limites estreitos da antiga gramática das frases e incorpore à concepção de linguagem muitos outros aspectos levados em conta por abordagens alternativas sucessivas, bem como por reflexões filosóficas. Basicamente, conforme Coseriu apontou, a linguística deve integrar o seguinte:

- a descrição e explicação científicas dos sistemas linguísticos de uma língua nacional;
- a reflexão geral da linguagem no nível especulativo (universal);
- o tratamento do falar concreto como tal.

Sendo esse último o único domínio linguístico “real” que pode ser manipulado, o problema é desenvolver um método que permita entender *como os sistemas linguísticos, as competências comunicativas gerais e as estratégias concretas de fala cooperam no falar concreto*. Primeiro é preciso distinguir pelo menos esses três níveis,

e reconstruir a maneira como eles interagem dentro do *único objeto ontologicamente real da linguística: o falar concreto*.

De fato, se a linguagem, como ponto de partida, é identificada e categorizada como algo dividido em diversos componentes e níveis, o caminho de volta para a sua suposta unidade *dependerá conceitualmente da divisão original*. A fim de compreender toda a complexidade do falar humano como um processo unitário, sem ser condicionado por qualquer perspectiva analítica parcial, é necessário abordá-lo de forma *pré-científica* como *processo unitário em toda a sua complexidade*.

Esse foi o objetivo de Wilhelm von Humboldt, que desenvolveu uma rigorosa reflexão especulativa sobre essa complexidade, a fim de atribuir à gramática seu verdadeiro lugar e papel dentro de uma compreensão correta do falar humano. Humboldt, ao contrário do que os linguistas fizeram, depois, tentou *começar pela maior complexidade na percepção pré-científica da linguagem*. Isso provou ser uma tarefa gigantesca, que ocupou a maior parte de sua atividade linguística em seus últimos anos.

Essa reflexão precisou ser *especulativa* ou *filosófica* e baseada em uma ampla *experiência* do objeto focalizado. Humboldt estudou muita filosofia, literatura e línguas a fim de se aproximar de seu objetivo com a devida competência. Um esforço contemporâneo para compreender, como ponto de partida, a complexidade real da linguagem também precisa levar em conta esta *base*, que compreende dois domínios: conhecimento pessoal, o quanto possível, de línguas e literaturas diferentes e treinamento em raciocínio filosófico. Essas competências exigem considerável tempo e esforço pessoal e nunca são realmente atendidas. A tudo isso, atualmente, é preciso adicionar pelo menos alguma competência em neurociências, já que estão descobrindo muitos elementos e processos relevantes inerentes à atividade de falar que os linguistas não podem mais ignorar.

Coseriu, um seguidor extremamente inteligente das reflexões de Humboldt sobre a linguagem, é, até onde eu sei, o único linguista influente do século XX que se preocupou em dominar todas essas disciplinas (as neurociências surgiram mais tarde e ele não conseguiu se familiarizar com elas) e se tornou o exemplo que estimulou seus discípulos a seguir. Assim, ele estava em uma posição que o permitia se manter atento tanto às perspectivas analíticas e resultados da linguística moderna como ao objetivo humboldtiano de captar a realidade do falar humano em toda sua complexidade. Coseriu tentou desenvolver seus próprios métodos a partir dessa

perspectiva. O inevitável reducionismo das pesquisas linguísticas concretas não era para ele nenhuma desculpa para esquecer o verdadeiro objetivo da pesquisa linguística: *uma boa compreensão teórica de linguagem*. Trata-se de uma tarefa filosófica. Portanto, a filosofia tem que orientar a constituição inicial dos objetos linguísticos, o desenho dos métodos de pesquisa, e a reflexão sobre os resultados a fim de integrá-los em uma teoria geral consistente.

Sem essa reflexão filosófica sobre linguagem e linguística, uma verdadeira integração dos diversos ramos da ciência ligados à linguagem não pode ocorrer. Como os respectivos resultados são condicionados pelas reduções iniciais de constituição do objeto e do método de cada tipo de pesquisa, eles não podem ser simplesmente somados a fim de se obter uma “teoria de tudo” geral. Não se pode pressupor que esses resultados sejam compatíveis. Se, por exemplo, um método de descrição gramatical é projetado sem levar em conta a semântica, e depois disso uma teoria semântica é desenvolvida, não será possível juntar as duas coisas em uma descrição formal e semântica.

5. Os paradoxos da “linguística integral”

A linguística integral não pode ser construída a partir de métodos e objetivos de pesquisa desintegrados. Uma *teoria coerente de linguagem* deve considerar a diversidade de perspectivas e objetos científicos, bem como uma apreensão teórica geral da verdadeira natureza do “falar” humano. Se isso deve ser alcançado na linguística, como inequivocamente Coseriu tentou fazer, então a perspectiva integralista precisa estar *presente e operante desde o ponto de partida*. Um entendimento filosoficamente correto de toda a complexidade da fala humana deve estar na base da diversidade científica de modelos e métodos, uma vez que, como Coseriu afirmou, “a filosofia é necessária, porque é a ciência dos princípios”. Somente um fundamento filosófico pode prover o trabalho linguístico com as ferramentas intelectuais necessárias para evitar uma incorrigível fragmentação.

O linguista romeno, muito cedo, se envolveu com a tarefa de prover a pesquisa linguística com essa base especulativa. Ele fez isso através de uma conhecida discussão sobre os pressupostos teóricos subjacentes à busca corrente das “causas” da mudança linguística, e da inversão de seus termos: a língua não é algo que muda inesperadamente, que precisaria de uma explicação causal. Pelo contrário, é uma

atividade livre e ininterrupta guiada por finalidades expressivas, e que gera continuamente seus próprios padrões sistemáticos, de modo que permite alterações, caso necessárias. A língua está sempre mudando, porque esta é a sua natureza. Ela não pertence ao domínio das causas, mas ao domínio da finalidade.

Essa convicção subjaz a todas às suas especulações pré-científicas posteriores sobre o objeto e o método de pesquisa linguística. Também é a base da sua própria intenção de progredir para uma visão integralista de linguagem através de uma *integração metódica* das diversas variedades de pesquisa e de objetos. Por mais sensato que esse propósito possa aparecer, ele traz, no entanto, alguns problemas teóricos que gostaria de destacar aqui.

Como já foi dito, não podemos confiar na existência de alguma coisa, chamada de “linguagem”, com características e fronteiras determinadas, mas precisamos supor que, sob essa denominação, há tão somente um *sentimento difuso* de conhecimento do nosso falar, bem como a *pretensão* de consagrar esse sentimento como um fato confiável e um objeto observável. O todo da “linguagem” é muito mais o nome de uma ilusão do que de um fato. Contudo, *em nossa atividade de falar e em seus resultados, estão envolvidos, de fato, incontáveis fenômenos reais e observáveis.*

A fim de obtermos uma base real para uma pesquisa integrativa dos diversos *problemas* que identificamos no ou em torno do nosso falar, precisamos identificar o conjunto desses *fenômenos*, que vão desde as interações entre neurônios, hormônios e neurotransmissores até as grandes obras literárias das mais diversas culturas. E, no nível do comportamento macroscópico, há pelo menos os seguintes fenômenos:

- *padrões de fala* mais ou menos cristalizados nas comunidades humanas, que servem de referência para a fala socialmente aceitável (línguas nacionais e outras).
- boas *sistematizações* de nossos padrões de fala para *aprimorar* a capacidade de expressar novas complexidades, mas nem sempre igualmente boas e diferenciadas;
- estratégias, das mais leves às mais robustas, de *simplificação* no comportamento linguístico concreto de indivíduos e grupos;
- partes de comportamento verbal bem *fixados* (palavras, sintagmas, enunciados convencionais...), bem como fragmentos de fala que deles se *diferenciam*, voluntária ou involuntariamente, e que muitas vezes levam a uma mudança nas partes de referência originais.

Além disso, observa-se o seguinte:

- os elementos verbais interagem com outras ações e atitudes corporais, e cada interação pode ser altamente padronizada, mas também muito individual.
- as pessoas falam por motivos e objetivos muito diversos, desde o simples preenchimento do tempo compartilhado, como jogar conversa fora, até esforços extremamente conscientes e penosos para formular e comunicar ideias ou conhecimentos, de modo que a “carga de sentido” dos enunciados linguísticos pode variar de um quase vazio completo de conteúdo até conteúdos mais complexos.
- embora tendamos a imaginar que nossas palavras e enunciados carregam um determinado conteúdo semântico, que, de fato, é transmitido do falante para o ouvinte, não transmissão em todos os casos: apenas sinais sonoros e visuais são produzidos e percebidos. O conteúdo presumidamente “semântico” do emissor e do receptor não pode ser o mesmo já que, em cada caso, o resultado de um complexo processamento neural individual, que se torna “consciente” apenas em parte, e a relação entre o consciente e o inconsciente não podem ser estabelecidos.
- compreensão não é, portanto, a reprodução pelo ouvinte da mensagem pretendida pelo falante. A relação entre indivíduos que se comunicam linguisticamente é extremamente variável e não consiste em objeto passível de observação direta.

A linguagem não “existe”. Ela “acontece”. Esse fato envolve uma quantidade indeterminável de processos que são em parte observáveis e em parte não. A gramática e a linguística sempre constituíram esforços para extrair desse acontecimento *constantes observáveis que permitem uma descrição sistemática*. Inicialmente, o foco eram os *padrões formais das línguas nacionais*, dando origem à chamada “gramática”. Muito mais tarde, foram considerados outros padrões de comportamento linguístico observáveis: o sentido dos componentes verbais em sua forma padrão, outros sentidos e padrões divergentes (variação linguística), constantes comportamentais (ações e atitudes corporais, estratégias expressivas), estratégias “discursivas”, constantes pragmáticas. Nesses casos, o “objeto” precisou ser *filtrado* a fim de se obterem dados *frequentes* que permitissem *generalizações*. A diversidade

real do falar concreto histórico e individual teve que permanecer fora de foco, e as *abstrações* dessa diversidade *tornaram-se os verdadeiros “objetos” de pesquisa*.

Contra a inevitável diversificação de perspectivas, objetos e métodos que esses esforços produziram, Coseriu tentou uma *primeira* integração, explorando as possibilidades de estender as principais ferramentas analíticas da fonologia estrutural (oposição, comutação etc.) a outros níveis linguísticos, assim como fizeram muitos outros estruturalistas. No entanto, ao contrário deles, Coseriu afirmou claramente que essa linha de investigação tinha de *deixar de lado muitos aspectos também relevantes do falar*.

Um *segundo* passo integrativo foi a análise do falar concreto e a identificação das principais estratégias dos falantes para transformar os componentes abstratos das línguas nacionais em enunciados concretos. Em seu artigo “Determinação e Entorno”, ele descobriu todo um conjunto dessas estratégias já codificadas. Ele mostrou que, no falar concreto, também há meios sistemáticos de “usar” o sistema linguístico, que devem ser integrados à descrição estrutural de cada língua, além dos componentes abstratos disponíveis (palavras e regras sintáticas). Outros objetos de pesquisa como dêixis, marcadores discursivos ou referência ampliaram nosso conhecimento sobre as codificações idiomáticas dessas estratégias de fala.

Em sua “Linguística do Texto”, Coseriu tentou um passo *mais* integrativo, ao expandir essa atividade analítica para textos reais. Os textos *são falas congeladas que de fato aconteceram* (na minha terminologia: “falar concreto” se opõe a “virtual” ou “abstrato” (por isso emprego o termo “linguística do realizável” ou “*linguística do factível*”). Eles são produtos estritamente individuais, não previsíveis, e representam algum tipo de consolidação de *decisões* expressivas individuais e históricas de seus autores, as quais não remontam a nenhum sistema prévio.

Os textos são construídos mediante as possibilidades sistemáticas de cada língua, mas seu conteúdo é único e, como insistia Coseriu, *sobre coisas únicas não pode haver ciência*. Os textos são o resultado da combinação do sistema de componentes e estratégias disponíveis em cada língua, em determinadas circunstâncias (geográficas, sociais, ideológicas, psicológica), com as memórias individuais e representações do autor. Seu conteúdo não é mais um “significado linguístico”, mas um “sentido” único. Compreendê-lo é um *processo hermenêutico individual*, sem contornos e fronteiras precisos. Essa compreensão pode gerar outros textos ou permanecer como uma experiência puramente subjetiva.

Os textos, como outros objetos possíveis de uma linguística global, estabelecem o *limite* dessa noção e levam o(a) linguista a uma zona onde ele/ela não pode mais determinar a natureza exata de seu trabalho *como um(a) linguista*. Com os textos, a noção de “linguística” perde sua marca usual. Lidar com a estrutura e o sentido de textos únicos envolve perspectivas e métodos tanto linguísticos quanto filológicos, históricos, sociais, psicológicos entre outros. E não faz sentido tentar mantê-los separados. É uma *atividade* hermenêutica *integral*. Traduzir textos é, portanto, uma atividade extremamente complexa que deve integrar, em princípio, todas essas dimensões possíveis e responder à singularidade e unicidade de cada texto ou mesmo uma parte dele também de forma individual.

A “linguística de corpus” contemporânea é uma nova tentativa de recuperar textos para pesquisa sistemática, mas um texto enquanto um *token* entre tantos outros não é o mesmo que um texto em sua individualidade plena. “Corpus” é uma noção *cumulativa*. Ele permite o processamento estatístico de quaisquer elementos ou aspectos de textos coletados. De certa forma, a linguística de corpus é o contrário da hermenêutica individual do sentido único do falar concreto. Não é fácil integrar sob um mesmo conceito essas duas maneiras de lidar com textos.

Coseriu tentou integrar o “nível do texto” à sua própria linguística através da busca de estratégias identificáveis para a construção de narrativas literárias, que é uma abordagem, geralmente, adotada pela linguística do texto. Contudo, ele estava ciente de que as estratégias linguísticas mútuas são apenas mais uma parte da hermenêutica do sentido único dos textos. A mera adição de descrições e explicações únicas de elementos e níveis não leva à *integração como uma teoria coerente*. A diversidade de objetos e métodos não pode ser reduzida ou alçada a nenhuma unidade.

A única integração possível é o tipo de *síntese* que o(a) *indivíduo* linguista como indivíduo pode alcançar, particularmente, ao longo de sua vida. Coseriu teve uma forte sensação de ser a pessoa que havia alcançado a integração coerente em toda sua experiência linguística, mas mesmo ele teve que aceitar que “linguística” não era mais a designação adequada para esse todo, e que, pelo menos, a “hermenêutica” tinha que ser adicionada à equação. A linguística integral de Coseriu era o próprio Coseriu, o todo de sua personalidade. Como Hegel havia declarado muito antes, o “conceito” em seu sentido mais amplo e abrangente se revela idêntico à individual, atômica e impenetrável personalidade que está por trás dele em cada caso.

A linguística se baseia, como toda ciência, na *redução* da complexidade real a certos conjuntos de características que circunscrevem certos “objetos”. Ao inventar o “fonema”, a linguística não descobriu a verdadeira natureza dos sons da fala, mas criou um objeto que respondia à maneira como certos linguistas queriam transformar a fala em algo manejável “cientificamente”. Isso *fazia sentido*, mas não refletia o real. Todos os tipos de linguística e de gramática criam seus próprios objetos. Eles podem ser mais ou menos científicos, mas não conseguem apreender a integridade do que chamamos de “falar”, porque nós, animais falantes, *não podemos nos transformar em nossos próprios objetos sem distorcer nossa realidade*.

Nossa capacidade de falar nos permite gerar todos os objetos possíveis, incluindo o próprio “falar”, mas não transformar nossa própria realidade em “um objeto”. Categorizamos o nosso falar por meio de nossas ferramentas de fala, que são o resultado histórico e individual de toda a nossa experiência humana linguisticamente mediada. Nossas palavras e ideias são principalmente as de nossa comunidade falante, e comunidades falantes são nações, assim como culturas, instituições científicas, círculos profissionais, comunidades religiosas, camadas sociais, cidades ou vilarejos. Essa variedade de contextos humanos se correlaciona com uma variedade de padrões de fala e normas que convergem para o cada um diz em cada contexto. A unidade possível é a do indivíduo, das suas capacidades, das suas memórias e das suas decisões. *A “linguagem” é alguma coisa “integral” no indivíduo. Todavia, essa unidade é única, histórica e sempre mutável.* Não pode haver ciência a partir disso. Nesse sentido, não pode haver “linguística integral”.

Somente essa unidade histórica individual é a verdadeira linguagem integral que buscamos ao tentar fazer uma linguística integral. Faz sentido também tentar alcançar uma compreensão geral da nossa capacidade de falar, ou melhor, da natureza do nosso falar. A meta da linguística integral é um projeto sólido, apesar de sua real impossibilidade. Esse é o grande paradoxo da “linguística integral”. Trata-se de um paradoxo, mas não de uma contradição. A linguística integral, sendo tão necessária quanto impossível, é certamente paradoxal, mas apenas por causa de uma grande confusão entre níveis e tipos de reflexão intelectual.

6. Filosofia negativa da linguagem e linguística integral

Coseriu distinguiu o nível geral ou universal da capacidade humana de falar e o estudo concreto das línguas históricas. Por outro lado, embora tenha afirmado que a linguística deve ser guiada por princípios filosóficos, ele não reconheceu a relevância de alguma filosofia da linguagem para a própria linguística e se recusou a formular uma que fosse subjacente às suas próprias reflexões sobre métodos e objetos de pesquisa. Coseriu formulou alguns princípios teóricos que considerou verdadeiros e relevantes, mas não desenvolveu nenhuma filosofia sistemática para sua própria linguística. Quando eu tentei fazer isso, ele me provocou com a frase que reproduzi no início desse artigo.

Infelizmente, é tarde demais para tentar discutir esse assunto com ele. Assim, serei forçada a um desenvolvimento unilateral ou monológico da conexão entre uma filosofia da linguagem e o projeto teórico de linguística integral. Essa reflexão, inevitavelmente, levará à minha própria concepção de “linguística integral”.

A teoria geral da linguagem em que baseava as ideias de Coseriu contém algo de paradoxal. Coseriu amava as distinções e visava uma concepção unitária. Suas distinções de níveis e perspectivas sobre os fenômenos linguísticos visavam evitar as confusões usuais entre níveis de reflexão, a fim de “liberar” descrições estruturais concretas sem cair na armadilha de tomar seus objetos como partes discretas reais da realidade linguística. *“Distinguir não é o mesmo que dividir”*. Segundo sua perspectiva, a linguagem deve ser considerada como uma realidade integral na qual o(a)s cientistas podem realizar distinções para focalizar problemas concretos (do(a) linguista). No entanto, como toda investigação concreta precisa se concentrar em algum problema, e, assim, olhar o todo a partir dessa perspectiva unilateral, o mero acúmulo de investigações concretas não pode produzir uma compreensão integral do todo.

Somente uma filosofia sistemática consistente poderia fornecer uma perspectiva tão unitária sobre a linguagem. No entanto, repito, qualquer sistema filosófico precisa ser desenhado com *conceitos* que são os supostos *sentidos* das palavras, que, por sua vez, são componentes dos hábitos do falar adquiridos por cada indivíduo. Nenhum edifício conceitual jamais será capaz de apreender qualquer realidade *além de seus termos* e das circunstâncias complexas de uso real (e compreensão) em cada caso. Se concebermos filosofia como uma *ciência de princípios positivos*, nunca iremos além das *ideologias filosóficas enraizadas nas tradições do falar*. Não há solo “real” abaixo das tradições do falar e suas convenções.

Isso significa que não há espaço espiritual ou mental onde uma teoria sólida, integral e coerente da linguagem humana possa ser formulada e construída? A resposta é não. Isso significa que a tradição metafísica de atribuir significados conceituais confiáveis às nossas palavras é apenas uma ilusão linguística em si mesma. Um sólido *trabalho especulativo* deve *ter isso em mente* e tomar suas próprias palavras como realmente são: *sinais usuais das comunidades*, que servem aos *indivíduos*, *em certos contextos*, *como abreviações de feixes de impressões, emoções, experiências e processos mentais* que *provocam* ou *dão origem* a novas impressões, experiências, emoções e processos mentais de outros indivíduos. Referimo-nos ao que nos importa, seja a “realidade” ou qualquer outra coisa, no âmbito de nossos hábitos adquiridos de categorizar as coisas na nossa língua histórica ou em outras línguas. *O pensamento especulativo não transcende isso.*

A diferença entre o falar *especulativo* e o *falar objetivista* consiste no conseqüente *ceticismo* da especulação a respeito da nossa maneira de constituir objetos e perceber a realidade. Temos *que duvidar de nossas palavras quando as usamos* e nosso ceticismo sempre *permanecerá propriamente linguístico.*

Nenhuma filosofia oferece aos/às linguistas uma melhor compreensão e categorização *positivas* da linguagem humana, mas pode encaminhá-los/las a não confiar nas categorias herdadas através das quais nos acostumamos a pensar e falar sobre nosso falar (e pensamento) da forma fazemos. A boa filosofia é *a crítica contínua de quaisquer certezas sobre a realidade em que confiamos* ao fazer linguística ou qualquer outro esforço, mais ou menos científico, para compreender a realidade e controlar nosso ambiente material ou cultural. A filosofia acontece, por exemplo, quando Coseriu critica a ideologia gramatical usual segundo a qual o nosso falar é o mero uso ou aplicação de um código previamente fixado. Essa crítica pré-científica, especulativa, permite entender a mudança linguística como inerente ao falar humano. Essa compreensão, por sua vez, permite análises históricas e comparativas que *fazem sentido* dentro da tradição de explorar a evolução das línguas, e mantém o trabalho linguístico *coerente com uma compreensão crítica tanto da linguagem em geral quanto da própria linguagem do(a) linguista.*

De fato, a compreensão do falar humano não avançou muito desde a revisão crítica de Humboldt da metafísica linguística herdada. As teorias linguísticas modernas, assim como as “ciências cognitivas” e mesmo as neurociências, pouco contribuíram para melhorar nossa autocompreensão como animais falantes. Por outro

lado, pensadores céticos, como em parte Nietzsche e, mais recentemente, Josef Simon, realmente contribuíram para abordar a linguagem humana de forma mais crítica e para superar muitos preconceitos metafísicos que ainda dominam no trabalho linguístico. Há, é claro, muitos linguistas certamente inteligentes que abordam cada vez mais o trabalho linguístico com uma mente aberta e se recusam a ser seduzidos pelas modas do mundo acadêmico. No entanto, a boa linguística é sempre o resultado de uma *atitude crítica consistente em relação às ideologias consagradas*, e isso, por sua vez, só pode ser alcançado através do estudo *histórico e comparativo* de ambas as línguas e realizações linguísticas.

Coseriu foi veementemente contra o ceticismo teórico, mas, paradoxalmente, ele adotou um *posicionamento crítico* em relação à linguística estabelecida e, conseqüentemente, produziu, ideias que melhoraram positivamente nossa compreensão humanística do falar humano. As críticas produtivas e as novas distinções provêm principalmente da sua ampla experiência com a linguagem, a linguística e a literatura e à sua habilidade especial de *integrar essa experiência em abordagens coerentes de problemas únicos*. Ele acabou chamando seu trabalho de “linguística integral”, mas acredito que ele não conseguiu entender o verdadeiro sentido de sua própria “integridade”.

De acordo com meu próprio entendimento, sua linguística não era integral no sentido de “compreender o todo” do falar humano com base nos “conceitos adequados”. Nenhuma abordagem científica da linguagem poderia alcançar uma compreensão global de forma tão positiva. Certamente, uma mera adição de novas maneiras de abordar outros elementos ou aspectos da fala também não chegaria a essa compreensão.

Uma pesquisa linguística se configura parte da “linguística integral” se aborda seu *objeto não como uma parte real de um “todo” adequadamente conceituado, mas como um produto histórico da experiência e imaginação do linguista dentro de sua percepção mais ampla possível da linguagem*. Sua singularidade e a constituição do seu objeto são “integrais”, se o(a) linguista permanecer consciente de que trabalha dentro de uma perspectiva teórica de natureza *negativa*. Uma linguística integral não consiste em uma teoria geral positiva sobre a linguagem, mas na negação concreta e progressiva de cada uma dessas teorias ou ideologias gerais positivas.

“Linguagem” é uma “noção limite”. Não é o nome de algo real, mas o nome de um *horizonte de compreensão negativo*. Integrar objetos e métodos de pesquisa

únicos em uma perspectiva geral sobre a linguagem não quer dizer propor noções mais amplas e abstratas, para se chegar, por fim, a uma teoria geral unitária. Muito pelo contrário: significa tomar *consciência de que a constituição do próprio objeto é uma realização individual, histórica*, cuja legitimidade não depende de uma correta apreensão do todo, mas da *compreensão de sua impossibilidade*, o que implica recusar alguma “definição” de linguagem. As realizações do indivíduo linguista se legitimam a partir de sua própria experiência histórica e comparativa com a linguística e a linguagem. Ele/ela pode convencer o(a)s outro(a)s de que essas realizações são coerentes, mas não “ontologicamente verdadeira”.

Elas permanecem como “discurso individual”, e sua compreensão pelos outros também permanece como hermenêutica individual. A “linguística integral” de um(a) linguista não pode ser a mesma que a “linguística integral” de outro(a), porque cada linguista constrói seu horizonte de compreensão com base em suas sucessivas negações concretas do que ele/ela percebe em cada caso como suposições erradas. Aprendi com Coseriu a buscar o maior horizonte de compreensão possível em cada caso, mas tive que me confrontar com experiências e legados diferentes dos dele. E, em vez de introduzir novas distinções conceituais no quadro metodológico, me concentrei no ceticismo a que fui levada ao tentar me manter “integral”.

Todo texto linguístico é tão “falar concreto” quanto todo texto literário ou todo texto, alçando ou não a objeto de pesquisa. É tão individual, histórico e imprevisível como todos os outros. A compreensão disso é hermenêutica individual. Chamei essa orientação de “linguística do factível”.

Compreender a linguística integral de Coseriu é, portanto, em cada caso, um novo esforço individual para integrar, na própria atividade de pesquisa a perspectiva negativa da noção limite de “linguagem”, *o modo como se aprendeu a fazer*, e buscar o progresso intelectual através *de novas negações concretas* de conceitos teóricos ou sistemas, acreditando no acesso imediato à própria realidade. Ao contrário de Coseriu, a meu ver, a linguística integral é (como Hegel disse em sua “Fenomenologia do Espírito”) *ein sich vollbringender Skeptizismus*: um ceticismo progressivo e contínuo. Outro(a)s linguistas integralistas terão que se confrontar com outros contextos e serão forçado(a)s a desenvolver sua própria crítica com novas palavras provenientes de suas próprias experiências singulares. E, por fim, todo(a)s aprenderemos sobre nós mesmo(a)s como animais falantes por meio de nosso próprio

processamento de narrativas, seja como linguistas integralistas, sejam como bons/boas escritores/escritoras.

Essa é a razão pela qual tive que começar com a “teoria das palavras” para dizer algo que fizesse sentido dentro dessa perspectiva “integral”, apesar das provocações de Coseriu sobre a “teoria dos números”.

Referências

AGUD, Ana. *Historia y teoría de los casos*. Madrid: Gredos, 1981.

AGUD, Ana. Virtuelle und faktische Sprache: eine Linguistik der Faktizität als philosophische Disziplin, *Allgemeine Zeitschrift für Philosophie*, 18, Hft. 3. 1993, p. 17-41.

AGUD, Ana. La Lingüística entre las ciencias cognitivas y de la cultura, y las bases biológicas del lenguaje, *Energeia*, v.III, p. 95-106, 2011.

COSERIU, Eugenio. *Sincronía, diacronía e historia – el problema del cambio lingüístico*. Montevideo: Universidad de la República, 1958.

COSERIU, Eugenio. *Fundamentos y tareas de la lingüística integral, Actas del Segundo Congreso Nacional de Lingüística*, San Juan: Universidad de San Juan, 1984.

COSERIU, Eugenio. Determinación y entorno. In: COSERIU, EUGENIO. *Teoría del lenguaje y lingüística general*. Madrid: Gredos, 1967, p. 282- 323.

COSERIU, Eugenio. *Textlinguistik*, Tübingen: G Narr Verlag, 1980.

HEGEL, Georg F.W. *Phänomenologie des Geistes*. Salt Lake City: Projekt Gutenberg, 2004 [1807].

HUMBOLDT, Wilhelm von. *Gesammelte Schriften*, Bd. VII, 1 Königlich Preussische Akademie der Wissenschaften, Berlin, 1907.

KABATEK, Johannes, Murguía, Adolfo. *Die Sachen sagen, wie sie sind*. Tübingen: G. Narr Verlag, 1997.

KANT, Immanuel. *Anthropologie in pragmatischer Hinsicht*. Hamburgo: Meiner, 2000 [1798].

MATURANA, Humberto R. Biology of Language: The Epistemology of Reality. In: MILLER, George A. and LENNEBERG, Elizabeth (Eds.). *Psychology and Biology of Language and Thought: Essays in Honor of Eric Lenneberg*. New York: Academic Press, 1978, p. 27-63.

MAUTHNER, Fritz. *Beiträge zu einer Kritik der Sprache*. Stuttgart: Cotta'sche Buchhandlung, 1903.

SIMON, Josef. *Philosophie und linguistische Theorie*. Berlin: De Gruyter, 1971.

SIMON, Josef. *Philosophie des Zeichens*. Berlin: De Gruyter, 1989.

Recebido em 06/10/2022

Aceito em 13/06/2023

Publicado em 22/06/2023